

101010001
100110010
101110111
11011
1000
0001
10
11

SUSANNAH NIX



O Código do Amor

1
01
100
10101
100110
101110
111011
011000
1000001
100110
110011
111011
101101
1000100
00011010
1010011
1110111
1101
10
00
1
1



Tradução
Bárbara Vilela

 Planeta

Prefácio

Caro/a leitor/a,

Este livro aborda os seguintes temas: infidelidade; doença mental; suicídio.

Faço este aviso para que quem deseja evitar estes assuntos possa tomar uma decisão informada sobre se deve ou não prosseguir com a história.

Sejam gentis convosco próprios,

Susannah Nix

Capítulo 1

Três anos antes

Melody Gage consultou o telemóvel pela décima vez em cinco minutos.

Nada.

Suspirando, pegou no copo de cerveja e bebeu um golo. Estava calor dentro do bar e ela ainda tinha o casaco de cabedal vestido, que não podia tirar porque tinha um buraco na camisa, mesmo na costura que atravessava as omoplatas.

Além disso, tirar o casaco implicaria que ia ficar mais do que alguns minutos – o que não era o caso.

Não podia acreditar que tinha realmente feito um esforço esta noite. Tinha vestido o seu casaco de cabedal preferido, embora o tempo estivesse demasiado quente para ele. Era a coisa mais bonita que tinha, apesar de ter vindo de uma loja de artigos usados. Até tinha trocado as suas habituais *Doc Martens* por um par de bonitas sabrinas. E para quê? Para ficar pendurada.

Melody sentiu alguém empurrar-lhe o braço enquanto deslizava para o banco ao seu lado. Olhou para cima com esperança, mas não era Victor.

O tipo que não era o seu par inclinou-se para ela, sorrindo.

– Como estás esta noite?

Era jovem, em idade universitária, como ela, e, tal como muitos dos outros clientes do Cask 'n Flagon, usava um boné dos Red Sox. Tinha também uma *T-shirt* de uma festa da fraternidade, «Chulos & Prostitutas»,

o que baixou a opinião que tinha dele. No entanto, não era malparecido. De facto, ela poderia até estar tentada a dizer que ele era atraente.

É pena que ela estivesse à espera de alguém... que estava quinze minutos atrasado. Não era exatamente um começo promissor para um primeiro encontro.

Melody ofereceu ao seu novo companheiro de lugar um sorriso educado, mas cauteloso.

– Estou bem.

– És mesmo boa, sabias? – disse ele, aproximando-se mais.

Nojento. Sempre desprezou aquela palavra naquele contexto. *Boa*. Alguma vez um homem descreveu uma mulher como «boa» sem parecer um palhaço? Além disso, o seu hálito cheirava a alho. Não, obrigada.

– Obrigada, mas estou à espera de uma pessoa. – Ela olhou novamente para o telemóvel. Não tinha nenhuma mensagem.

– Sabes, normalmente, não gosto de miúdas com cabelo curto – disse a sua companhia, apontando para o seu corte *pixie* moreno –, mas talvez esteja disposto a abrir uma exceção para ti.

Ugh. Era o que ganhava por se aventurar fora da sua zona de conforto. Provavelmente, devia ter percebido que esta noite ia ser um fracasso quando Victor a) escolheu um bar desportivo perto de Fenway para o encontro e b) sugeriu que se encontrassem em vez de irem juntos.

Só tinha concordado, porque estava desesperada para sair da sua rotina. Desesperada por fazer alguma coisa – qualquer coisa – além de passar mais uma noite de sábado a estudar no quarto ou a trabalhar no laboratório de informática.

E olha no que isso resultou.

– Aposto que sabes que és boa – disse o aspirante a engatatão, sem se deixar intimidar pela linguagem corporal pouco acolhedora de Melody. – Deves ter tipos a dizer-te isso a toda a hora, não é?

ONDE ESTÁS? Melody enviou uma mensagem a Victor, batendo com os polegares no ecrã do telemóvel.

Ela nem gostava assim tanto de Victor. Eram parceiros de laboratório de química, mas as únicas faíscas entre eles eram as que usavam para acender o bico de Bunsen.

A maior vantagem que ele tinha era tê-la convidado para sair, o que era mais do que qualquer outra pessoa tinha feito ultimamente. Era o único rapaz que tinha mostrado algum interesse nela durante todo o ano.

Como a sua companheira de quarto a tinha lembrado, Melody não tinha sido beijada desde aquele tipo com o queixo de rabo durante a Semana de Orientação – e ele não se tinha lembrado dela no dia seguinte quando ficou sóbrio.

Não que ela estivesse a tentar encontrar alguém. Quase todo o seu tempo era dividido entre os estudos e o trabalho para pagar a parte das propinas não coberta pelas bolsas de estudo.

O MIT era *difícil*, de uma forma que a escola nunca tinha sido para ela. Durante toda a sua vida, tinha sido sempre a melhor da turma. Mas todos os outros no MIT também tinham sido os melhores das suas turmas. Tinha de se esforçar a dobrar só para se manter no meio do pelotão.

Melody não gostava de estar no meio. Queria estar no topo outra vez. Ou, pelo menos, perto do topo. E se isso significasse perder algumas festas, que assim fosse. Não perdia grande coisa.

Só que... agora que o seu ano de caloiria estava quase a terminar, tinha-lhe ocorrido que toda a gente andava a sair, a conhecer pessoas novas, a dormir juntas, a apaixonar-se, a acabar e a apaixonar-se outra vez, enquanto ela estava enterrada nos livros. Eles estavam a ter *experiências*.

Se Melody não tivesse cuidado, em três anos estaria a sair para o mundo com um diploma de licenciada e a maturidade social de uma aluna do secundário. Achou que devia dedicar algum esforço a melhorar as suas competências de vida, a par das suas competências académicas.

Foi assim que acabou neste bar a ser incomodada por um rapaz da fraternidade que cheirava a *Axe* e a desespero.

O seu novo amigo inclinou-se ainda mais para perto dela, encostando a sua boca à dela, e soprou-lhe outra nuvem de hálito de alho na cara.

– Que faz uma rapariga como tu aqui sozinha, afinal?

– Estou à espera de uma pessoa – repetiu Melody com os dentes cerrados. Ela esticou o pescoço, examinando a multidão que se aglomerava junto à porta, para o caso de Victor ter aparecido.

– Uma rapariga como tu não devia estar sozinha. E se eu te fizer companhia até o teu amigo chegar?

– E se não fizeres?

– Que estás a beber? Deixa-me pagar-te outro.

– Não quero outro...

– Mais um copo do que quer que seja que ela está a beber – gritou o sacana para o empregado do bar, ignorando-a. Era como falar para uma parede.

– Não vale a pena – assegurou Melody ao empregado do bar. – Não vou ficar.

A sério, o Victor que se lixe. Não ia esperar nem mais um segundo.

– Ei, onde vais?

O Tipo Sinistro protestou, agarrando-lhe no braço enquanto ela deslizava do banco do bar.

Melody torceu-se para escapar, girando para fugir, e bateu com a cara no peito de um homem. Assustada, olhou para um par de olhos azuis deslumbrantes que pertenciam a um homem *muito* alto e *muito* bonito.

– Uau – deixou escapar.

– Peço imensa desculpa pelo atraso, querida!

O rapaz bonito lançou-lhe um sorriso com covinhas e apertou-lhe o braço como se a conhecesse. Melody olhou fixamente para ele, com a boca aberta. Tinha a certeza de que nunca lhe tinha posto os olhos em cima na vida. *Que estava a acontecer?*

Quando ele se inclinou para lhe beijar a face, ela ficou tão atónita, que não se conseguiu mexer. Só que, em vez de a beijar, os seus lábios pairaram perto da orelha dela e ele sussurrou:

– Alinha se te queres livrar deste tipo.

Oh. *Claro que sim*, ela alinhava se isso fizesse com que o Tipo Sinistro a deixasse em paz.

Atirou os braços à volta do pescoço do Tipo Bonito e abraçou-o com um entusiasmo exagerado. Uau, as costas dele eram musculadas. E tinha um cheiro fantástico, como uma floresta de sequoias muito cara. Talvez ela o tenha abraçado um pouco mais do que o necessário, só para o cheirar um pouco mais.

– Onde estiveste, Ursinho? – perguntou ela com a sua melhor voz de namorada.

Ele inclinou a cabeça, com os olhos a brilhar de divertimento, enquanto a boca se curvava num sorriso.

– Bem, Amorzinho, acho que me confundi sobre onde nos devíamos encontrar.

– Oh, seu totozinho, ainda bem que és bonito.

Ela soltou um riso falso e deu-lhe um murro de brincadeira no braço. Depois, pôs-lhe as mãos à volta dos bíceps – os seus bíceps *muito firmes* – e arrastou-o para a saída.

Enquanto saíam, o Tipo Bonito lançou um olhar de «não te metas com a minha miúda» ao Tipo Sinistro, que já estava a recuar com as mãos no ar em sinal universal de «ei, meu, desculpa, não tinha intenção de lhe fazer nada». Previsível. O parvalhão não estava disposto a aceitar o *seu* «não» como resposta, mas assim que aparece outro tipo a reivindicá-la – como se ela fosse uma propriedade – ele põe o rabinho entre as pernas e vai-se embora. Idiota.

Não que ela não estivesse grata pela intervenção. Mas também era possível que ela tivesse acabado de saltar da barcaça do Jabba the Hutt para o poço de *sarlacc*. Por isso, assim que ficaram fora da vista do canalha no bar, Melody soltou-o e deu um grande passo atrás, colocando alguns metros de distância entre eles.

O seu benévolo salvador enfiou as mãos nos bolsos dos seus calções com padrão de madras, desviando-se de um grupo de quatro pessoas enquanto a rececionista os conduzia à sua mesa. Usava sapatos de vela e uma camisa polo com o colarinho levantado, como se tivesse saído de um anúncio da *Ralph Lauren*.

– Estás bem?

As sobrelhas dele franziram-se com preocupação e os seus olhos baixaram para o braço dela.

– Aquele tipo não te magoou quando te agarrou, pois não? – Ele tinha uns olhos invulgarmente gentis para alguém que se vestia como um idiota do colégio privado.

– Não, estou bem.

Melody cerrou as mãos em punhos, resistindo à vontade de esfregar o antebraço onde o canalha lhe tinha tocado.

– Mas obrigada pela ajuda.

– Precisas de boleia para casa?

Como se tivesse acabado de se dar conta de como isso soava, acrescentou:

– Quer dizer, posso chamar um táxi para ti se quiseres.

Ela abanou a cabeça. Era uma rapariga com um buraco na camisa e um casaco de loja de segunda mão – não podia, de maneira nenhuma, pagar o táxi com o seu salário de estudante.

– Obrigada, estou bem.

Ia para casa de metro, tal como tinha vindo.

– Está bem – disse ele. – Se tens a certeza.

– Tenho.

Ele acenou com a cabeça e saiu em direção às traseiras do restaurante, sem sequer se atirar a ela ou esperar algo em troca pela sua boa ação. Hum. Pelos vistos, o cavalheirismo não estava morto.

O telemóvel de Melody tocou. Era uma mensagem de Victor.

«Desculpa, tive um imprevisto e não consigo ir.»

Ótimo. Maravilhoso. Perfeito.

– Ei! – chamou ela, apressando-se a seguir o Tipo Bonito. – Espera.

Ele virou-se com as sobranceiras levantadas. O seu cabelo cor de areia caía-lhe sobre a testa, e ele chegou-lhe para o empurrar para trás, sorrindo para ela. Tinha umas covinhas giras quando sorria. Ela sempre tinha adorado covinhas. Eram a sua criptonite.

Melody respirou fundo, ignorando as borboletas na barriga. Tudo o que tinha de fazer era falar com ele. Conseguia fazer isso. Não era engenharia aeroespacial ou assim.

Não, era bem pior. Ela sabia trabalhar com engenharia aeroespacial. Falar com tipos bonitos, por outro lado – *isso sim* era intimidante. Especialmente com os que cheiram a céu, são bem musculados e paradigmas de cavalheirismo bondoso.

Tocava Flo Rida nos altifalantes do bar, enquanto um grupo de pessoas com camisolas dos Red Sox se empurrava pelo espaço entre

Melody e o Covinhas Giras a tentar chegar ao bar. Ela passou por eles com a ajuda dos cotovelos, lançando-lhes olhares de desprezo, até ficar mesmo à frente dele.

– Como te chamas?

Com um metro e setenta, Melody não era propriamente baixa, mas ele era suficientemente alto para que ela tivesse de inclinar a cabeça para trás para olhar para ele quando estavam tão perto.

– Jeremy.

– Bem, Jeremy, acho que te devo uma bebida.

Abanou a cabeça e o cabelo voltou a cair-lhe na testa.

– Não me deves nada.

Fez uma pausa, passando as mãos pelo cabelo.

– Mas se me estás a fazer a proposta de livre vontade...

Lá estava aquele sorriso afetado outra vez. Como é que este tipo de atrevimento consegue ser tão *sexy*? Um sorriso como aquele não tinha o direito de a fazer sentir-se tão tonta, mas fazia. Fazia mesmo.

– Não nos entusiasmemos – disse ela, incapaz de controlar o sorriso. – Estou a oferecer-me para te pagar uma bebida. Mais nada.

Ele voltou a inclinar a cabeça, coisa que ela estava a começar a adorar. Depois, havia a questão dos olhos dele, que eram escandalosamente azuis, agora que olhava para eles de perto. Azul cerúleo, como naquele episódio dos *Ficheiros Secretos* sobre o tipo que hipnotizava as pessoas.

– Não me disseste o teu nome – notou Jeremy, olhando para ela com os seus olhos ridiculamente azuis.

– Melody – respondeu, tentando fingir que isto era totalmente normal para ela, como se andasse por aí a oferecer-se para pagar bebidas a tipos bonitos com sorrisos sensuais e adoráveis cabelos soltos, a toda a hora.

Ele sorriu.

– Nesse caso, aceito a tua oferta, Melody.

Capítulo 2

Durante a hora seguinte, Melody ficou a saber as seguintes coisas sobre Jeremy:

1. Era de Los Angeles.
2. Tinha acabado de reprovar em Syracuse, que era a *segunda* faculdade em que reprovava em quatro anos (a primeira tinha sido a Brown).
3. Em vez de dizer aos pais que tinha reprovado (outra vez), decidiu ir até Boston para passar o fim de semana com um dos seus amigos que andava na Boston University.
4. Era rico. Tipo, super-rico, aparentemente.
5. Ele e Melody não tinham *absolutamente nada* em comum.

– OK, qual foi o último filme que viste? – perguntou Jeremy, pegando na sua garrafa de *Shock Top*.

Estavam sentados a uma mesa no canto mais recuado do Cask ‘n Flagon, a jogar um daqueles jogos em que se faz perguntas um ao outro à vez para os dois se conhecerem melhor.

– *A Princesa Mononoke* – replicou Melody, quando um aplauso soou da direção do bar. Devia ter acontecido algo excitante no jogo dos Red Sox. Ela não estava de frente para nenhuma das televisões, por isso não sabia dizer o que tinha sido, mas tinha havido muito mais aplausos do que vaias, por isso presumiu que Boston estava a ganhar.

Os olhos de Jeremy passaram para o ecrã por trás da sua cabeça, depois voltaram imediatamente para ela.

– Nunca ouvi falar.

O jogo de perguntas tinha sido uma ideia brilhante dela, mas já se tinha arrependido. Só tinha servido para realçar o facto de *não* serem o tipo um do outro.

– É um filme de animação japonês.

Jeremy fez uma careta.

– Tipo *anime*?

– Sim, mas é ótimo. Confia em mim.

Ele tinha um ar cético.

– Se tu o dizes. Qual foi o último filme que viste no cinema?

– Continua a ser *A Princesa Mononoke* – foi um festival de filmes de Miyazaki.

Melody pegou na cerveja que tinha comprado com a sua identificação falsa. Estava à volta dela há mais de uma hora, por isso estava morna e a ficar sem gás – como toda a sua noite.

– Último programa de televisão que viste?

– Futebol conta?

– Não, apenas programas com guião.

Levantou a mão e afastou o cabelo da testa enquanto pensava no assunto. Voltou a cair assim que ele o largou. O tipo precisava urgentemente de um corte de cabelo.

– Qual é aquele dos cromos com a vizinha boazona?

Melody estremeceu.

– *A Teoria do Big Bang*?

– Sim, é isso.

Claro que era. O programa que transformou pessoas como ela em anedotas, como se a sua própria existência como humana que era boa a matemática e gostava de ficção científica fosse uma piada hilariante. A série que promoveu os clichés do tipo «rapaz *nerd* desajeitado conhece rapariga boazona», enquanto se agarrava ao estereótipo de que os super-heróis de banda desenhada eram o domínio exclusivo dos super *nerds* do sexo masculino em vez de um fenómeno generalizado da cultura *pop*.

– O último livro que leste para te divertires? – perguntou, mudando de assunto, apesar de não ser a sua vez.

Ele abanou a cabeça.

– Sinceramente, não me lembro. Não costumo ler para me divertir.

Claro que não. E dado o seu historial académico, provavelmente também não lia para a escola.

As sobrancelhas dele ergueram-se.

– Ena, estás a julgar-me neste momento, não estás?

– Não estou!

Melody protestou, com as bochechas a ficarem quentes de vergonha.

Jeremy riu-se, com os olhos a brilhar de divertimento.

– És uma péssima mentirosa, sabias?

– Em minha defesa, eu sei disso – respondeu ela, incapaz de resistir a sorrir-lhe.

– Então, porquê o MIT? – perguntou Jeremy depois de terem esgotado a maior parte das perguntas de cultura *pop* e terem passado para temas autobiográficos. – Porque não Harvard ou qualquer outra escola para espertalhões?

Melody bebeu um golo da sua cerveja. Estavam na segunda ronda, desta vez cortesia do cartão AmEx preto de Jeremy.

– É a melhor para o que quero estudar.

– Que é o quê?

– Ciências informáticas.

Os seus dedos seguiram um coração torto esculpido na superfície da mesa. Ao lado estava uma cara sorridente de aspeto vagamente demoníaco.

– Porque é que escolheste a Brown originalmente?

Jeremy encolheu os ombros.

– Não escolhi. Foi onde o meu pai andou. Foi ele que me meteu lá.

– Ele estava a tentar parecer casual, mas a forma como os seus dedos se apertaram à volta da garrafa de cerveja dizia o contrário.

– Não querias ir para lá?

– Para ser sincero, nunca me interessei muito pela universidade. Encolheu os ombros novamente.

– Não queria muito saber para onde ia.

Inclinando-se para trás na cadeira, ela apoiou os antebraços na mesa e segurou o copo de cerveja.

– Que vais fazer agora?

– Não sei. Provavelmente, o meu pai vai dar-me um emprego na empresa dele.

Melody não pôde deixar de parecer azeda.

– Deve ser bom ter tudo dado de mão beijada sem ter de trabalhar para isso.

Jeremy fez um ruído de descomprometimento.

– Sim, acho que sim.

Pegou na cerveja e bebeu um grande golo. As unhas dele estavam todas roídas até ao fim, e ela perguntou a si mesma com que assunto é que alguém com a sua vida confortável poderia estar ansioso.

– O quê, não é?

Ele mexeu-se no assento, esfregando as palmas das mãos nas coxas.

– Olha, eu sei que tenho sorte, está bem? Não estou a tentar agir como se fosse uma dificuldade ter dinheiro. É só que... nunca ninguém se preocupou em perguntar-me o que eu realmente quero fazer. Esperam só que siga o caminho que os meus pais definiram para mim. Torna-se um pouco difícil ficar demasiado entusiasmado, é só isso.

– Então, que queres fazer? – perguntou Melody, uma vez que aparentemente nunca ninguém o tinha feito.

Abanando a cabeça, ele olhou para a mesa.

– Nem eu sei. Não é patético? Não faço a mínima ideia do que quero, o que é mais ou menos o problema, acho eu.

Ele olhou para cima, e um formigueiro percorreu a espinha de Melody quando os seus olhos encontraram os dela. Ele tinha uma maneira de olhar para alguém como se fosse a única pessoa na sala.

– Tu sabes o que queres fazer?

Sabia-o desde os dez anos, quando recebeu o seu primeiro computador, um velho *Compaq Presario*, oferecido por uma das amigas da mãe.

– Quero ser programadora de *software*.

– Porquê?

– Porque sou boa com computadores. Porque adoro *puzzles* e perder-me no código. Porque paga bem e é uma área com muito crescimento profissional, pelo que não terei de lutar para sobreviver como a minha mãe sempre fez.

– Qual é o emprego da tua mãe?

– Ela já fez tudo. Foi caixa de supermercado, empregada de mesa, esteticista, lojista. Está sempre a saltar de emprego em emprego, à procura da próxima grande oportunidade – que parece nunca se materializar.

Jeremy acenou com a cabeça, como se compreendesse o que era viver com aquele tipo de insegurança financeira, embora não o conseguisse fazer.

– E o teu pai?

– Nunca o conheci. Desapareceu quando descobriu que a minha mãe estava grávida.

– Isso é horrível.

Foi a vez de Melody encolher os ombros.

– É fácil não sentir a falta de alguém que nunca esteve presente.

Jeremy inclinou-se para a frente, com as sobranceiras a juntarem-se.

– Nunca pensas nele? Ou como a vossa vida poderia ter sido diferente se ele tivesse ficado?

– Nem por isso. – Ter fugido não era exatamente um bom exemplo de competências parentais. Quem quer que fosse, achava que estava melhor sem ele. Mas a pensão de alimentos teria ajudado.

– Desculpa se estou a ser demasiado intrometido.

– Está tudo bem – garantiu ela, acenando com a mão.

Não devia estar, mas estava.

Evitava falar sobre o seu passado desde que tinha vindo para Boston. A maioria dos estudantes do MIT vinha de famílias mais abastadas,

com pais mais instruídos, e ela não queria dar nas vistas como a miúda pobre cuja mãe solteira nem sequer tinha acabado o secundário. Mas não se importava de falar com Jeremy sobre o assunto, apesar da diferença de *pedigree*. Talvez porque sabia que nunca mais o ia ver, por isso não tinha de se preocupar com o que ele pensava dela.

Ele inclinou a cabeça e voltou a fazer aquele sorriso deslumbrante.

– E aqui estás tu, a fazer o curso no MIT, a fazer exatamente o que queres da tua vida.

Era difícil olhar diretamente para ele quando ele sorria para ela daquela maneira. Baixando os olhos, ela concentrou-se em esfregar a condensação do copo com o polegar.

– Acho que sim.

Ele estendeu a mão para o outro lado da mesa e tocou-lhe no braço. Os dedos dele davam-lhe uma sensação suave e quente na pele.

– É impressionante – disse ele. – És impressionante.

Tipos tão ricos e bonitos não deviam ser assim *tão simpáticos*. Ela não sabia o que fazer com isto. De qualquer forma, nunca tinha sido boa a aceitar elogios. O seu instinto era sempre o de rebater, um hábito que estava a tentar quebrar para melhorar as suas habilidades de adulta. Mas isto só lhe dava vontade de esconder a cabeça debaixo de um cobertor e fingir que não tinha acontecido.

– Acho que nunca fui bom em nada na minha vida – confessou ele, com um ar melancólico. – Tens sorte.

Que loucura era esta? Um tipo com um fundo fiduciário de um milhão de dólares achava que *ela* tinha sorte. Ela ter-se-ia rido à gargalhada, mas ele parecia estar a falar a sério, como se quisesse mesmo que acreditasse nele.

Era estranho, mas acreditava.

Melody não fazia ideia para onde tinha ido o tempo. Como é que já era meia-noite? De alguma forma, ela e Jeremy estavam a falar há horas. Ficou surpreendida com o quanto se estava a divertir e com o quanto gostava dele.

O que era uma loucura. Jeremy não era nada o seu tipo. Não tinham nada em comum. A sério, nada. Mas era fácil falar com ele. Ele fazia-a sentir que se importava com o que ela estava a dizer. Como se ela fosse a pessoa mais interessante que ele já tinha conhecido.

Era possível que Melody estivesse um pouco apaixonada. Está bem, claro, à superfície, ele era exatamente o tipo de rapaz rico, bonito e mimado que ela normalmente desprezava; mas não conseguia deixar de sentir que ele era mais do que isso, como se houvesse profundidades escondidas sob o encanto juvenil.

Talvez fosse apenas um desejo da parte dela. Ou uma consequência das três cervejas que tinha bebido. Ou da forma como os seus joelhos fraquejavam sempre que ele lhe sorria...

Não importava. Ele era giro. Ela dormiria com ele a cem por cento se ele pedisse. O que ele não tinha feito, apesar de ela ter estado a fazer os seus melhores olhares de apaixonada para ele na última hora.

A sério, será que ela não estava a namoriscar bem? Ele não estaria aqui se não estivesse interessado nela, pois não? Será que ela lhe devia dizer logo que queria dormir com ele? Ou isso ia assustá-lo? Que precisava de fazer para levar isto a bom porto? Porque ela estava pronta para agarrar nele e levá-lo para casa.

A melhor parte é que não importava não terem nada em comum. Ele só estava na cidade durante o fim de semana, pelo que não haveria problemas de compatibilidade. Não haveria questões de compromisso. Nada de encontros embaraçosos no *campus* durante os próximos três anos. Podia ser apenas uma noite de sexo escaldante com um rapaz bonito e depois nunca mais se viam. Todos ganhavam.

Jeremy bebeu o último golo da cerveja e apontou para o seu copo quase vazio.

– Queres outra?

– Acho que já bebi o suficiente – retorquiu ela, abanando a cabeça.

Ele olhou para ela durante um longo momento, o suficiente para ela se sentir constrangida.

– Que foi?

– Estou a tentar perceber quão bêbeda estás.

- Não estou bêbeda, só não quero outra cerveja.
- Quando ele sorriu, ela podia jurar que os seus olhos *brilharam*.
- Nesse caso, queres sair daqui?
- Outro arrepio percorreu-lhe a espinha.
- Está bem.